

Por Renée Pereira e Luciana Dyniewicz

Com rentabilidade negativa, alguns planos podem exigir aportes extras de participantes

Os [fundos de pensão](#) foram pegos no contrapé pela pandemia do [coronavírus](#). Com um patrimônio equivalente a 13% do [Produto Interno Bruto \(PIB\)](#) e pagamentos anuais de R\$ 60 bilhões aos participantes, eles vinham reduzindo de forma significativa seus déficits, que, no agregado, passaram de R\$ 76 milhões em 2015 para R\$ R\$ 26 milhões no ano passado. Com a queda na Bolsa decorrente da pandemia – o Ibovespa recuou 26% no acumulado do ano –, no entanto, o sinal de alerta se acendeu e alguns voltaram a verificar resultados negativos.

Maior fundo de pensão do País, o Previ, dos funcionários do [Banco do Brasil](#), teve retorno negativo de 12,4% em um de seus planos no primeiro trimestre, com déficit de R\$ 23,6 bilhões. Em entrevista recente ao Estadão, o diretor de investimentos do fundo, Marcelo Wagner, admitiu a possibilidade de fechar o ano sem bater a meta de rentabilidade. “É possível que isso aconteça com todo o segmento (de fundos de pensão)”, disse.

[Leia aqui na íntegra.](#)

Fonte: O Estado de S. Paulo, em 01.06.2020